

CONTANDO HISTÓRIAS SOBRE A MORTE: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DO PNBE PARA CRIANÇAS

TELLING STORIES ABOUT DEATH: AN ANALYSIS OF PNBE CHILDREN'S BOOKS

CONTANDO HISTORIAS SOBRE LA MUERTE: UN ANÁLISIS SOBRE LIBROS DEL PNBE PARA NIÑOS

*Jaqueline Maria Conrad

**Suzana Feldens Schwertner

Resumo: Conversar com as crianças sobre morte ainda é entendido como um tabu pela sociedade. Por isso, torna-se relevante ser estudado, compreendendo a morte como um processo natural do ser humano e que precisa ser abordado com seriedade e sensibilidade. A literatura infantil aparece uma possibilidade sensível para tratar sobre tema. Haveria, nos livros infantis do Projeto Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), obras que envolvam o tema da morte? Como os livros indicados no PNBE para Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental abordam a temática? Buscou-se, assim, nas obras recomendadas pelo PNBE, os livros que apresentassem a temática da morte como parte do ciclo vital. Nesta lista, foram encontrados três livros, os quais foram analisados por meio da Análise Textual e Discursiva. Os livros retratam que o tema pode e deve ser trabalhado com crianças de forma leve, bem humorada como na história *Era uma vez três velhinhas...*; em outros momentos, pode ser apresentado por meio de personagens marcantes, como em *Irmã-Estrela*; ou ainda, apresentar de forma sensível e poética um período conturbado da história da humanidade, que além de informar, pode levá-las à sensibilização e reflexão sobre o tema, como no livro *Fumaça*. Torna-se importante que a literatura infantil seja reconhecida pelos profissionais da Saúde e da Educação como um elemento terapêutico, possibilitando que as crianças divirtam-se, emocionem-se e reflitam sobre esse tema pertinente e tão presente em seus cotidianos e na vida de todos.

Palavras-chave: Morte; criança; literatura infantil.

1. ERA UMA VEZ...

*O vovô virou estrelinha?
Meu cachorro foi para o céu?
Por que as pessoas morrem?
Eu também vou morrer?*

Foram esses e outros questionamentos que nos motivaram a pensar a morte como tema de pesquisa. Este trabalho parte de reflexões, curiosidades e dúvidas sobre a temática ‘morte’, especialmente no que tange ao processo de como abordar este assunto com as crianças.

Compreendendo o fato de que todos os sujeitos, tanto adultos como crianças, irão lidar com perdas durante toda sua vida, sejam perdas reais (pessoas queridas que faleceram) ou as perdas simbólicas (por mudanças de trabalho, transformações do próprio corpo, configuração familiar, pessoas que viajam e mudam-se para outro lugar, etc.), destaca que o tema é relevante para estudos da Psicologia, Saúde e Educação. Entende-se a morte como um processo natural do ser humano e que precisa ser abordado com seriedade e sensibilidade.

* Graduação em Psicologia (UNIVATES/RS). E-mail: jaquelinemariaconrad@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-4377-2129.

** Doutora em Educação (UFRGS/RS). Docente do Centro Universitário (UNIVATES/RS). ORCID: 0000-0002-2913-9191. E-mail: suzifs@univates.br

Assim, Dolto (2008) afirma que por volta dos três anos as crianças começam a questionar as diferenças sexuais e, nesse mesmo período, iniciam as dúvidas sobre a morte e o que acontece quando alguém morre. O que muitas vezes acontece é que as famílias e a escola temem tocar no assunto, mudando a conversa ou ficando em silêncio, atitudes que acabam por inibir a criança a continuar perguntando.

Um dos modos de se abordar a temática da morte com crianças, por exemplo, pode ser a utilização de livros de literatura infantil pelos profissionais da Saúde, da Educação e demais cuidadores. Não é necessário esperar que a criança esteja enfrentando um luto para então falar sobre a temática: o assunto pode ser introduzido quando a criança ainda é pequena, por meio de situações do dia a dia - perda de um objeto, tragédias que a assiste na televisão, mudanças de escola ou de cidade, morte de um animal de estimação, planta ou familiar.

Nesses momentos, as histórias tornam-se um recurso potente para abordar a temática. Se o livro for escolhido com cuidado e atenção, levando em conta a faixa etária da criança, fará com que ela reflita e pense sobre o assunto. Acontece que, muitas vezes, a família e os próprios profissionais da Educação e da Saúde não têm conhecimento dos livros produzidos sobre a temática ou a forma de utilizar este recurso como função terapêutica para as crianças.

Na procura por obras literárias que abordassem o tema da morte, encontramos o acervo de livros do Projeto Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE). O programa tem como objetivo distribuir livros cuidadosamente selecionados para as escolas públicas do país. Foi instituído em 1997 e é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em parceria com a Secretária da Educação do Ministério da Educação (SEB-MEC). A última lista do PNBE distribuída para as escolas foi em 2014.

Dessa forma, buscamos com esse escrito responder a seguinte pergunta: como os livros indicados no Projeto Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) para estudantes de Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental abordam o tema da morte? Para tanto, nesta investigação o objetivo geral será analisar como a morte é abordada nos livros infantis indicados pelo PNBE para a Educação Infantil e primeiros anos da Educação Fundamental.

Partindo desse tema de pesquisa, apresenta-se a organização do escrito, que passa inicialmente por discutir os elementos principais deste trabalho: morte, crianças e literatura infantil. Na sequência, descreve-se a metodologia utilizada para a pesquisa, a seleção dos livros infantis contemplados na investigação e análise dos mesmos. Finaliza-se apresentando a importância dos profissionais da Saúde, Educação e familiares das crianças conhecerem os livros infantis e utilizarem-se deles como um recurso terapêutico para conversar com crianças sobre a morte.

2. CONTANDO HISTÓRIAS SOBRE A MORTE

As crianças por si só são curiosas, questionam aquilo que ouvem, veem e que desperta sua imaginação. Questionamentos como aqueles apresentados na introdução deste artigo são comuns para quem convive ou trabalha com crianças. Por volta dos três aos quatro anos de idade as crianças começam a questionar situações da vida, inclusive sobre a morte, como afirma a psicanalista Dolto (2008). O que ocorre muitas vezes é que quando as crianças começam a questionar os adultos sobre a morte, deparam-se com a insegurança e medo daqueles que deveriam responder e esclarecer suas dúvidas sobre o tema – ou, minimamente, estimular o pensamento.

Em alguns casos, talvez o tema sobre a morte possa demorar a ocorrer porque não são todas as crianças que se depararam com uma perda (por exemplo, de um animal de estimação e/ou de pessoa próxima, etc.). Dolto (2008) afirma que o assunto pode ser introduzido através de pequenas situações do cotidiano, como, por exemplo, quando vêem no noticiário histórias de pessoas que morreram no trânsito viajando e isso pode oportunizar abordar o assunto: “[...] Aquelas pessoas não sabiam quando saíram de férias que iam morrer uma hora depois. Está vendo? Ninguém sabe quando vai morrer. A conclusão de tal fala é dizer: Vivamos bem todos os momentos de nossa vida”. (DOLTO, 2008, p. 58).

Torres (2012) e Dolto (2008) indicam que é importante que se valorize cada perda que a criança possa vir a ter, como, por exemplo, a dos animais de estimação. Em várias situações, as crianças organizam rituais para esse animal, Torres chama isso de “jogo”, já que é carregado de significados e permite à criança: “[...] externalizar seus sentimentos, ansiedades e medos” (TORRES, 2012, p. 125). Dolto (2008, p.60) relata que é necessário respeitar a dor da criança pela perda de um animal de estimação e até mesmo por um brinquedo que estragou porque: “A criança não distingue um do outro. Tudo o que ela ama é vivo”.

Não devemos privar a criança sobre a verdade de alguém que ela amava e veio a falecer (DOLTO, 2008; TORRES, 2012; POSTERNAK, 2013), pois, como afirma Dolto (2008, p.59), a criança “[...] percebe a expressão carregada dos rostos familiares”.

Além de saber a verdade, é importante que a criança participe dos rituais, possibilitando a ela compartilhar a dor e o luto com seus familiares, como afirma Kovács (2003). Para a autora, o processo de luto na infância assemelha-se muito com o do adulto: ambos precisam de tempo e espaço para a elaboração. Quando a criança não participa, sendo mandada para a casa de algum familiar, afastando-a do que realmente aconteceu, corre-se o risco de carregar junto com ela mentiras de que os pais foram viajar ou outras histórias. As consequências disso

são graves: a criança percebe os discursos contraditórios dos adultos e passa a não confiar mais neles. Os efeitos são, então, destacados pela autora Kübler-Ross:

Mais cedo ou mais tarde, a criança se aperceberá de que mudou a situação familiar e, dependendo de sua idade e personalidade, sentirá um pesar irreparável, retendo este incidente como uma experiência pavorosa, misteriosa, muito traumática, com adultos que não merecem sua confiança e com quem não terá mais condição de se entender. (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 13).

Torres (2012) compreende que não existe uma ideia universal sobre quando as crianças começam entender o conceito de morte, por isso é necessário ter uma visão mais ampla sobre as diferentes etapas do desenvolvimento e como a criança irá entender a morte em cada uma delas. Para tanto, a autora busca explicar os principais conceitos sobre a morte em relação à compreensão das crianças: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. Começando pelo de irreversibilidade, a autora destaca que “[...] refere-se à compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte. Portanto, inclui o reconhecimento da impossibilidade de mudar o curso biológico ou de retornar a um estado prévio” (TORRES, 2012, p. 27). O conceito de não funcionalidade é a “[...] compreensão de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte. Esse componente foi também chamado de disfuncionalidade” (TORRES, 2012, p. 27); e o conceito de universalidade, que nada mais é do que ter a “[...] compreensão de que tudo é vivo morre” (TORRES, 2012, p. 28).

Um recurso que pode ser utilizado para falar sobre a morte com as crianças, até mesmo antes da mesma lidar de forma concreta, ou seja, o tema pode ser trabalho a partir de histórias presentes na literatura infantil e, assim, introduzir o tema de forma estética, sensível. É muito importante o uso de histórias no trabalho com crianças e enquanto um recurso terapêutico:

A história diz o que a criança quer dizer, o que a alegra, o que a assusta, o que a apavora. As personagens e as tramas são a sua palavra. (...) A ouvir a história, disse, e, ao dizer, passou a conviver melhor com o seu passado que já não era uma coisa sem nome, dessas que apavoram ainda mais. (GUTFREIND, 2016, p. 165).

Gutfreind (2016) também destaca a importância das histórias que, como bem enfatiza o autor, dizem aquilo que as crianças (e adultos) querem dizer: suas alegrias, medos e angústias. Os livros infantis, especialmente os contos de fada, são tão ricos que têm “[...] sido fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada qual dando a sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse” (ABRAMOVICH, 1995, p. 121).

A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção. A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro. (CORSO; CORSO, 2006, p. 21).

Os autores destacam que ouvir as histórias das outras pessoas (escutando, lendo, assistindo) nos leva a refletir sobre a nossa própria existência, a partir de uma perspectiva diferente, porque: “[...] uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideias ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser” (CORSO; CORSO, 2006, p. 21). Tais temores e desejos são escolhidos nas histórias que se aproximam de nós por uma identificação, mas isso não ocorre de forma direta.

As histórias infantis, muitas vezes, acompanham o ser humano durante toda a sua vida, ajudando-o a elaborar diversos conflitos em sua trajetória “[...] todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape” (CORSO; CORSO, 2006, p. 304). Muitas narrativas seguem conosco durante anos e oferecem auxílio nas dificuldades que aparecem em nosso caminho.

3. CENÁRIOS DE UMA PESQUISA

Essa pesquisa buscou analisar como o tema da morte é abordado nos livros infantis pertencentes ao Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE). Não estamos preocupados em quantificar esses dados, mas analisar as obras que contemplam a temática. Por isso, trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca apresentar resultados não alcançados apenas com procedimentos estatísticos ou de quantificação: “Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências positivas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações”. (STRAUSS; CORBIN, 2009, p. 23).

Costa (2002) define que a pesquisa qualitativa não tem por objetivo levar o pesquisador a encontrar um caminho certo e único para a discussão de uma temática, pois, em geral, “[...] se produz um novo conhecimento se inventa um nome e peculiar caminho” (COSTA, 2002, p. 19). Corazza (2002, p. 111) destaca que a pesquisa nasce de uma insatisfação com o “já-sabido”, o que impulsiona a pesquisa em busca de novas compreensões e significados: “[...] somente nessa condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso, e nela investigar e destacar outras redes de significações”.

O primeiro passo dessa pesquisa foi buscar a lista da PNBE do ano de 2014, que tem como objetivo prover obras e outros materiais de apoio para as escolas de ensino público das redes federais, estaduais e municipais, abrangendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Após olhar atentamente para a lista de livros da PNBE de 2014, realizou-se uma pesquisa entre as obras que fazem parte do acervo, compreendendo a importância do tema ser abordado desde cedo, buscou-se os livros presentes nas seguintes categorias: Educação

Infantil (0 a 3 anos): 48 livros, Educação Infantil (4 e 5 anos): 50 livros e Séries Iniciais do Ensino Fundamental (6 a 10 anos): 100 livros que constam na lista de 2014. Nesses 198 livros, pesquisou-se os resumos (sinopses) das obras e chegou-se a três livros que abordassem o tema da morte como parte do ciclo vital, objetivando-se morte de pessoas, excluindo aqueles que versam sobre perdas simbólicas (objetos, mudanças).

Para analisar os livros infantis encontrados na pesquisa inicial utilizou-se a Análise Textual Discursiva. Moraes e Galiazzi (2006, p.118) destacam que a análise “[...] textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. Ao se trabalhar com essa abordagem, o pesquisador precisa estar aberto ao novo, pois isso é considerado um instrumento potente ao fazer expressar-se a criatividade “[...] exigindo dos usuários aprender a conviver com uma abordagem que exige constantemente a (re)construção de caminhos” (MORAES, GALIAZZI, 2006, p. 120).

Moraes (2013) apresenta quatro elementos importantes na ‘análise textual discursiva’. O primeiro corresponde à *Desmontagem dos textos*, processo conhecido como unitarização: após analisar atentamente os materiais, examinar os elementos, sentidos e significados do texto, cria-se fragmentos com ideias que se assemelham. O segundo passo é o de *Estabelecimento de relações*, processo conhecido como categorização, unindo elementos que combinam e transformando-os em categorias. O terceiro processo é definido por *Captando o novo emergente*, neste passo é feita uma análise dos materiais elaborados na fase anterior, permitindo uma ampla visão do todo. O quarto, e último passo, é definido de *Um processo auto-organizador*; para o autor, neste processo o pesquisador olha atentamente para os passos anteriores, sua desconstrução e categorização, depois para o que foi construído no metatexto com o objetivo de buscar novas compreensões sobre o tema.

Para a análise dos livros, organizou-se os dados obtidos em categorias que auxiliaram na análise de dados da pesquisa, e tendo por princípio a ‘análise textual discursiva’. Além disso, produziu-se um metatexto visando discutir e problematizar como a temática da morte é apresentada nos livros infantis da PNBE.

4. CONTANDO HISTÓRIAS SOBRE A MORTE PARA CRIANÇAS

Para esta pesquisa, buscou-se analisar a sinopse dos livros infantis destinados às categorias de Educação Infantil (0 a 5 anos) e Séries Iniciais do Ensino Fundamental (6 a 10 anos). Nesses, encontrou-se três que apresentam a morte como parte do ciclo vital. Para o acervo destinado à Educação Infantil de 0 a 3 anos, encontrou-se uma obra *Era uma vez três*

velhinhas... (RAMOS, 2012); para a categoria de 0 a 5 anos, nenhum livro foi encontrado, e para o acervo destinado às Séries Iniciais do Ensino Fundamental, encontrou-se dois livros: *Irmã-Estrela* (MABANCKOU, 2013) e *Fumaça* (FORTES, 2011).

Tais livros serão apresentados e analisados em cinco categorias neste artigo: “A morte apresentada nos livros infantis: do cômico ao trágico”, que busca apresentar as mortes presentes nas histórias; “Quem conta sobre a morte? Narradores das histórias infantis”, esta categoria discute quem são os narradores apresentados nas histórias; “O que acontece depois?” apresenta os desfechos das histórias para os personagens que morreram; “As cores da morte”, dedica-se a pensar sobre as ilustrações dos livros infantis e “Elementos terapêuticos nas histórias infantis sobre a morte”, destaca as sugestões simbólicas que os livros apresentam como recursos terapêuticos.

Com os três livros - objetos de análise - em mãos, realizou-se diversas leituras que buscaram identificar personagens, cenários, como a morte foi apresentada, ilustrações, capa, motivações que levaram os autores a escreverem sobre esse tema, características peculiares de cada livro. Os livros analisados encontram-se na tabela abaixo, apresentando os títulos, autores, características, escrita do texto, ilustrações que apresentam as histórias.

Tabela I. Livros do PNBE 2014 que abordam a temática da morte

<p>TÍTULO DO LIVRO E CAPA: Era uma vez três velhinhas...</p> <p>AUTOR (A) E ILUSTRADOR (A): Anna Claudia Ramos (brasileira); ilustrações: Alexandre Alexandre Rampaz (brasileiro)</p> <p>MORTE: Três idosas</p> <p>PERSONAGENS: Três velhinhas: Virgínia, Marina e Mercedes.</p> <p>TEXTO: Escrito com um vocabulário de fácil compreensão, bem humorado, mas ao mesmo tempo delicado e sensível</p> <p>ILUSTRAÇÕES: Livro inicia com muitos tons coloridos que, após a morte das velhinhas, é substituído por cores mais claras, neutras. Demonstrando também aqui a sensibilidade deste livro ao tratar sobre o tema.</p> <p>CARACTERÍSTICAS: Aspectos religiosos: céu, anjos. Positividade em relação à morte; Continuidade, no céu, da vida que levavam na terra</p>
<p>TÍTULO DO LIVRO E CAPA: Irmã-Estrela</p> <p>AUTOR (A) E ILUSTRADOR (A): Alain Mabanckou (congolês); Tradução: Ligia Cademartori (brasileira); e ilustrações: Judith Gueyfier (francesa).</p> <p>MORTE: Irmã mais velha</p> <p>PERSONAGENS: Irmã mais velha (estrela), Menino, Pai, Mãe, Tio Renê, Feiticeiro, Amigo</p> <p>TEXTO: Texto em forma de narrativa, narrador vai contando fatos sobre sua história, família, amigos e principalmente sobre a amizade com a Irmã-Estrela.</p> <p>ILUSTRAÇÕES: Ilustrações coloridas, com predominância de cores mais escuras que retratam a noite, momento específico de “encontro” com a irmã.</p> <p>CARACTERÍSTICAS: A história acontece na cidade Ponta Negra (República do Congo); Livro acompanha um “Suplemento de leitura”, com atividades para as crianças que incluem curiosidades sobre os autores e compreensão da história.</p>
<p>TÍTULO DO LIVRO E CAPA: Fumaça</p> <p>AUTOR (A) E ILUSTRADOR (A): Antón Fortes (espanhol); tradução: Marcos Bagno (brasileiro) e ilustrações de Joana Concejo (polonesa).</p> <p>MORTE: Personagem principal o menino que narra a história.</p> <p>PERSONAGENS: Menino; mãe, pai, amigo, guardas</p> <p>TEXTO: Narrado pelo menino. Linguagem poética. Apresenta de forma sensível o tema da morte.</p> <p>ILUSTRAÇÕES: As ilustrações parecem ser desenhadas à mão: entre riscos e rabiscos.</p> <p>CARACTERÍSTICAS: Livro retrata a trágica história de um menino em um campo de concentração nazista</p>

Fonte: elaborado pelos autores

4.1 A MORTE APRESENTADA NOS LIVROS INFANTIS: DO CÔMICO AO TRÁGICO

Três livros com narrativas, personagens, cenários, linguagens diferentes, mas todas elas apresentam nas suas histórias perdas significativas. Histórias que fazem parte do cotidiano das crianças: perder um avô ou avó ou até mesmo algum outro familiar; ou, ainda, acompanhar pela televisão as guerras, inúmeras mortes e refugiados. Todos nós estamos suscetíveis a isso, e as crianças estão vivenciando tais situações junto com os adultos. Por isso esses temas precisam ser falados, discutidos, precisa-se esclarecer as dúvidas das crianças e é possível utilizar histórias como essas, para abordar a temática. Corso e Corso (2006, p.303) destacam que ter um acervo de histórias é como ter uma boa caixa de ferramentas: “[...] na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária”.

Os livros infantis do PNBE selecionados apresentam a morte por meio de diferentes personagens e contextos. O primeiro deles, *Era uma vez três velhinhas...* conta de forma bem humorada a história de três senhoras idosas (Marina, Mercedes e Virgínia, ou Gigi), suas características e as diversas atividades que estavam envolvidas em suas vidas, as quais faziam delas “meninas”: “*Marina menina tinha uma biblioteca. Mercedes menina tinha uma vila. Virgínia menina tinha uma cozinha*” (RAMOS, 2012, p. 10-11). Em determinado momento, não especificado na história, as três senhoras morrem e suas “partidas” são marcadas como uma ininterrupção das atividades que faziam em vida; a partir deste momento, é no céu que elas vão estar realizando as mesmas tarefas: “*E agora, Marina menina conta histórias no céu. Ao seu lado, Mercedes menina inventa muita moda. E Gigi menina faz bolinhos encantados para alegrar as tardes*” (RAMOS, 2012, p. 17-19).

Na segunda história, *Irmã-Estrela*, a morte da irmã ocorreu dois anos antes do nascimento do personagem principal, o menino que narra a história: “*Minha mãe pensava muito na minha irmã, andava sempre com a foto dela*” [...] *Quanto a mim, nasci dois anos depois da desgraça*” (MABANCKOU, 2013, p.22). Neste enredo, a morte da irmã ocorreu por conta de uma possível doença não especificada na trama, mas que justificaria uma morte tão prematura. Conforme os costumes da aldeia *Mouyondzi*, retratada na história *Irmã-Estrela*, e ainda mais pela pouca idade da irmã, é inconcebível aceitar a morte como uma causa natural, justificando ela a um castigo ou “ação má”, como apresentado no livro: “[...] *Talvez, os maus espíritos de Mouyondzi, aldeia onde ela nasceu, tenham invejado sua beleza. À noite vinham cercar minha irmãzinha e acabaram jogando feitiço na casa*” (MABANCKOU, 2013, p.22).

Kübler-Ross (2008), olhando para a história e costumes de algumas culturas, relata que desde sempre a morte foi vista como algo ruim: “[...] em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos” (p. 6). Ou seja, precisamos de uma força superior ou um acontecimento ruim para justificá-la:

Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo. (KÜBLER-ROSS, 2008, p.6).

No terceiro livro, *Fumaça*, a morte é apresentada a partir da morte do personagem principal, que ocorre de forma trágica em um campo de concentração nazista: “*Vamos rumo à casa da chaminé. Tem um cheiro horrível, de fumaça. [...] Já fecham a porta. Não se vê quase nada. O Vadio me dá a mão. É meu único amigo...*” (FORTES, 2011, p. 31, 34-35). A frase enunciada pelo menino a caminho da casa da chaminé: “*Espero que mamãe não se preocupe quando não me encontrar em casa ao voltar do trabalho e que mais tarde não brigue comigo*” (FORTES, 2011, p. 33) demonstra a pouca compreensão da criança sobre o que a mãe tentava explicar da morte, de que as pessoas que entravam na casa da chaminé não retornavam de lá. De acordo com Kübler-Ross (2008): “A criança, não raro, vê a morte como algo não-permanente, quase não a distinguindo de um divórcio em que pode voltar a ver um dos pais” (p.7), porque ainda não compreende a irreversibilidade, conceito de que aquilo que morreu não retorna a viver, como apresentado por Torres (2012).

Os livros de literatura, como os que foram brevemente apresentados acima, abordam vários problemas que fazem parte da vida da criança (perda de avós ou outro familiar, mortes causadas por guerras). De acordo com Abramovich (1995), tais temas podem ser discutidos a partir de uma leitura que não é óbvia e nem sempre precisa ser realista; as histórias podem ser cruas, duras (*Irmã-Estrela, Fumaça*), mas também podem ter aspectos divertidos, humorados (*Era uma vez três velhinhas...*):

Pode ser crua, dura; mas pode também ser poética, suave, tristonha; como pode ser humorada, divertida, irônica... A linguagem, o tom, o escritor escolhe conforme concebeu sua história, suas personagens, seu desenvolvimento, seu final, a partir de sua convicção ou necessidade de tocar neste ou naquele assunto. (ABRAMOVICH, 1995, p. 99).

Além das mortes serem apresentadas de formas diferentes, desde o cômico até o mais trágico, quem conta essas histórias se difere nas tramas, como apresentaremos a seguir.

4.2 Quem conta sobre a morte? Narradores dos livros infantis

Na história *Era uma vez velhinhas...* a morte é contada pelo narrador em terceira pessoa, que de forma delicada vai apresentando as histórias das três velhinhas, suas atividades, como viviam suas vidas e como passaram a viver após suas mortes. Por exemplo, no início do livro: [...] *Era uma vez três velhinhas... Não!!! Não!!! Não eram. Bem que o tempo tentou que elas ficassem velhinhas, mas as três não deixaram. Na verdade, esta história precisa começar assim: Era uma vez três meninas disfarçadas de velhinhas*” (RAMOS, 2012, p. 6-8)

Na segunda história, *Irmã-estrela*, a morte da irmã é contada pelo personagem principal, o menino de 10 anos, da cidade de Ponta Negra (República do Congo), que narra a história. “*Então, eu me sentava no meio do quintal e levantava bem a cabeça, porque minha mãe havia me dito que eu tinha uma irmã mais velha que morava no céu junto dos anjos!*” (MABANCKOU, 2013, p. 6). Ao longo da história percebemos o sofrimento da família por conta da perda da criança: “*Minha mãe pensava muito na minha irmã, andava sempre com uma foto dela*” (MABANCKOU, 2013, p. 22), mas o menino desenvolveu uma amizade com a Irmã-Estrela e contava com a ajuda dela para lidar com os conflitos com os colegas e as dificuldades familiares.

No livro *Fumaça*, a morte é contada pelo próprio menino, quando o personagem principal vai narrando sua chegada ao campo de concentração e por fim, seus passos e caminhos até a morte: “*O trem leva muitos vagões, não é como o que tomávamos para ir à praia*” (FORTES, 2011, p. 6). A impressão que a história passa é de que o menino não tinha conhecimento do que estava acontecendo e nem o porquê de estar nesse lugar, como, por exemplo, na frase seguinte pronunciada pelo menino: “*As mães nos escondem porque o médico é mau e quer levar a gente para casa da chaminé*” (FORTES, 2011, p. 22).

Interessante perceber, na análise dos livros, que em apenas um deles há a nomeação dos personagens - quando é uma terceira pessoa que narra; nas duas histórias em que os meninos narram, eles não são nomeados, assim como a Irmã que morreu, é chamada de Irmã-Estrela pelo menino, mas não sabemos seu nome. Remetemo-nos ao fato de o quanto é difícil nomear a morte, assim como afirma Kovács (2003), quando a criança percebe que alguém morreu, ela confronta-se com sua própria finitude, percebendo que isso pode ocorrer com ela também. A morte: “[...] reproduz a história da humanidade, os temores frente à morte e finitude” (p. 46).

A seguir, apresentaremos os desfechos utilizados pelos autores ao encaminhar o destino daqueles que morrem, ou seja: o que acontece depois da morte?

4.3 O que acontece depois?

Os livros *Era uma vez três velhinhas...* e *Irmã-Estrela*, apresentam de forma explícita os destinos das mortes, ou seja, para onde foram e o que aconteceu após a partida dessas pessoas. Apresentando a morte como continuação da vida. Inclusive, as histórias destacam, em suas ilustrações, onde as pessoas estão após a morte (céu). Na primeira história: *Era uma vez três velhinhas...*, retrata-se a passagem das velhinhas para o céu: “*Os anjos agradecem a chegada delas por lá*” (RAMOS, 2012, p. 21). Na segunda história, acredita-se que a menina está no céu a proteger sua família: “*E foi por isso que nossos antepassados quiseram que minha irmã fosse reencontrar Deus e ficar ao lado dos anjos, para nos proteger*” (MABANCKOU, 2013, p. 22).

Na terceira história: *Fumaça*, o destino após a morte é apresentado antes mesmo da morte ocorrer de fato, o que se explica por estarem vivendo em um campo de concentração, tendo que encarar a morte dia a dia. A mãe do menino é a responsável por falar sobre o tema com a criança, enfatizando a morte como um aspecto explícito do cotidiano de quem vive um momento tão cruel: “*Vamos rumo à casa da chaminé, Tem um cheiro horrível, de fumaça. Mamãe me diz que os meninos que entram nela vão direto para o céu, mas eu quero ficar aqui, ainda que tenha fome e sede e passe frio*” (FORTES, 2011, p. 31-32). Mesmo com a afirmação da mãe de que os meninos que entram na casa da chaminé vão direto para o céu, não fica claro suas crenças em relação à vida pós-morte, já que de alguma forma ou outra a fumaça dos corpos queimados levantam-se em direção ao céu.

O livro termina com a imagem do menino e do amigo Vadio de mãos dadas no escuro, podemos ver sombras de outros meninos na imagem. A história termina assim: “*Já fecham a porta. Não se vê quase nada. O Vadio me dá a mão. É o meu único amigo...*” (FORTES, 2011, p. 31-32), sem indicar o que pode ter acontecido, mas deixando para a imaginação do leitor, de forma sutil, interpretar. Mas, quando fechamos o livro, a contracapa apresenta uma imagem de um campo, com uma ideia de profundidade, percebe-se que distante dali é possível ver uma fumaça que sobe em direção ao céu, dissipando-se no ar.

Torna-se interessante observar que em nenhuma das três histórias ou autores buscaram apresentar em seu enredo algum ritual: velório, enterro ou qualquer outra cerimônia que viesse a marcar a despedida dos que partiram, principalmente na história *Era uma vez três velhinhas...*, visto que em *Irmã-Estrela* o menino não poderia participar do ritual, porque a morte ocorreu dois anos antes do seu nascimento e em *Fumaça*, a própria criança morre, em um campo de concentração. Paiva (2011) afirma que as crianças não têm participado desses processos e rituais junto a seus familiares:

Ao meu ver, subestima-se a criança alegando-se protegê-la. Para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas. E, por causa disso, reforçamos a dificuldade de lidar com as várias perdas vivenciadas ao longo da vida [...]. (PAIVA, 2011, p. 37).

Participar de um ritual ou cerimônia em lembrança aos mortos, independentemente das crenças que a família possa ter, é importante para que a criança compreenda o processo de ‘despedida’, de morte.

4.4 As cores da morte

Para a autora Abramovich (1995, p.32), o livro como um todo é importante, por isso deve ser analisado também: o desenho gráfico, as habilidades para construir uma narrativa com sequência e completa, necessita de capacidade para que conte uma história: “[...] de modo ágil, vivo, usando traços moventes, conhecimento da cor e domínio da página, das páginas, do livro como um todo. De maneira harmônica, bonita, inteligente e cativante”.

Os livros analisados neste artigo são compostos por ilustrações ricas em detalhes, traços, cores, personagens com características e personalidades marcantes. *Era uma vez três velhinhas...* é um livro que destaca-se pela forma bem humorada com que apresenta o tema da morte: o livro é colorido, bem humorado. As personagens são marcadas por diferentes personalidades, mas as três personagens possuem uma característica comum: a de serem velhinhas meninas. Torna-se interessante notar a forma como a autora vai contando a morte das velhinhas. As ilustrações do livro se modificam: no decorrer da história, elas vão sendo substituídas por cores mais claras e o azul do céu e branco das nuvens predominam nas páginas finais.

Irmã-Estrela é um livro colorido também, mas difere-se do anterior por situar a história principalmente durante a noite, turno ao qual o menino encontrava sua irmã estrela. Por isso, a utilização de cores predominantemente escuras: azul, bordô e magenta marcam as páginas da história. O personagem principal do livro é um menino negro, que vive com seus pais na cidade de Ponta Negra, República do Congo. A família tem dificuldades financeiras as quais foram demonstradas nas ilustrações do livro, como por exemplo, na cena em que chove dentro do quarto do menino, pois a família não tem condições de consertar o telhado.

O livro *Fumaça* possui algo peculiar em relação aos outros dois livros: a cor que predomina em suas páginas é a bege, como se fosse um branco amarelado, que indicasse o passar do tempo. A história, que se remete a um momento trágico - o Holocausto ocorrido entre 1939 a 1945, no período da Segunda Guerra Mundial -, apresenta imagens que parecem ter sido todas desenhadas à mão. Em algumas das páginas, percebemos riscos coloridos, como

se o livro tivesse sido rabiscado por alguém. Os desenhos são marcados por traços, detalhes e principalmente olhares profundos dos personagens que aparecem ao longo das páginas da história, por meio de expressões faciais que demonstram medo, angústia e dor.

4.5 Elementos terapêuticos nas histórias infantis sobre a morte

Corso e Corso (2012) e Bettelheim (2007) defendem a importância das histórias abordarem as “[...] dificuldades humanas existenciais” para ajudar as crianças na elaboração e amadurecimento quanto ao tema da morte: “A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre o modo como ela pode lidar com essas questões e amadurecer com segurança” (BETTELHEIM, 2007, p. 15).

Dos três livros analisados que abordam a morte, dois deles mostram elementos terapêuticos para lidar com a dor da perda. No livro *Era uma vez três velhinhas...*, nas últimas duas páginas, podemos ver uma criança com o rosto erguido, como quem olha para o céu e ao seu lado, abraçado nessa menina, podemos ver parte de um corpo de adulto. Enquanto a menina olha para o céu, em meio às nuvens, lemos: “*Os anjos agradecem a chegada delas por lá. E os que aqui ficaram sentem saudades, mas quando fecham os olhos podem... ouvir as histórias de Marina, lembrar da alegria de Mercedes e sentir o cheirinho dos bolinhos da Gigi. Para sempre em cada um*” (RAMOS, 2012, p. 21-22). O elemento terapêutico oferecido neste livro surge como uma sugestão simbólica para as crianças superarem o luto: fechar os olhos e lembrar as características das velhinhas, acessar as lembranças e aquilo que elas deixam “*para sempre em cada um*” (RAMOS, 2012, p. 22).

O segundo livro que apresenta um elemento terapêutico é *Irmã-Estrela*. O aspecto presente na história, que tem sido uma forma de superar a perda, é de que o menino acredita que a irmã tenha virado uma estrela e o mesmo comunica-se com ela, como apresentado nas cenas iniciais da história: “*De repente, via uma estrela, uma estrela bem pequenina, que brilhava mais do que as outras. Eu a observava atentamente. Via mover-se; depois, separar-se das outras, sorrir para mim, esconder-se por um momento entre duas nuvens e, então, reaparecer*” (MABANCKOU, 2013, p. 6).

Bettelheim (2007) enfatiza que as histórias ajudam as crianças a desenvolverem o senso crítico, propondo uma reflexão do tema apresentado, o que torna importante discutir com a criança a história, o enredo (início e fim), os personagens, o ritmo. O autor critica a forma com que as histórias são muitas vezes apresentadas para as crianças na escola: logo após contar a história, passa-se para uma próxima atividade, sem dar tempo para a criança refletir

sobre o que acabou de ouvir. Quando o professor permite que a criança reflita e desenvolva o senso crítico, revela o benefício da contação:

[...] quando o narrador lhes dá tempo bastante para refletir sobre ela, para mergulhar na atmosfera que sua audição cria, e quando são encorajados a falar sobre ela, então a conversa posterior revela que tanto emocional quanto intelectualmente a história tem muito a oferecer, pelo menos algumas delas. (BETTELHEIM, 2007, p. 86).

Paiva (2011, p.143) destaca essa função das histórias: desenvolver o senso crítico das crianças. Em contato com as histórias, principalmente quando são abordados temas mais difíceis de se trabalhar, a própria criança pode pensar, duvidar, questionar aquilo que ouviu ou leu: “Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião”.

A HISTÓRIA NÃO TERMINOU...

Os livros analisados retratam que o tema da morte pode ser trabalhado com crianças desde a Educação Infantil: de forma leve, bem humorada como em *Era uma vez três velhinhas...*; em outros momentos, pode ser apresentado por meio de personagens marcantes, que buscam consolo para os conflitos do cotidiano através de uma amizade especial, como em *Irmã-Estrela*; ou ainda, apresentar de forma sensível e poética um período da história da humanidade, que além de promover informações para as crianças sobre fatos da Segunda Guerra Mundial, pode levá-las a sensibilizar-se e refletirem sobre o tema da morte. O importante é que esses recursos possam ser reconhecidos como um elemento terapêutico, possibilitando que as crianças divirtam-se, emocionem-se e reflitam sobre esse tema pertinente e tão presente em seus cotidianos.

Falar com as crianças sobre a morte constitui-se uma tarefa difícil, mas extremamente necessária, visto que, como já abordado anteriormente, em algum momento de sua trajetória a criança irá deparar-se com perdas. A evolução do luto de uma criança se desenvolverá a partir da abertura que for proporcionada para ela falar sobre a sua dor e um ambiente seguro para que essa conversa ocorra, pois, como nos alerta Torres (2012, p.127), é importante existir uma comunicação aberta na família: “[...] garantir que terão o tempo necessário para elaborar o luto, e que terão um ouvinte compreensivo toda vez que expressarem saudade, tristeza, culpa e raiva”.

Posternak (2014) alerta o quanto a dor pode ser demorada e sofrida, mas que também existem recursos que podem nos auxiliar (lembranças, fotos, histórias) a superar as perdas:

A dor pela perda de um ser amado é dura de aguentar, não melhora com remédio, como acontece com a febre ou a dor de ouvido. Nessa situação, a dor é demorada e sofrida, porém é uma experiência da qual a criança não pode e nem deve ser

poupada. O tempo é o melhor remédio para essa dor, que logo se transforma em boas lembranças e finalmente a saudades. Superar não significa esquecer. As pessoas queridas ficam em nosso pensamento, no coração, nas fotos e nas histórias. De alguma maneira, viver nos corações deixados para trás é não desaparecer. (POSTERNAK, 2014, p. 81).

Para que a temática possa ser recorrente, através de pequenas de situações do dia a dia, é possível preparar a criança e ajuda-la na compreensão de conceitos importantes, como de universalidade, não funcionalidade, irreversibilidade. Os profissionais da saúde, educação e responsáveis pelas crianças podem utilizar os livros infantis como um recurso terapêutico para conversar comas mesmas sobre a morte. A pesquisa desenvolvida oportunizou apresentar três obras que abordam o tema da morte no acervo do PNBE, revelando o quanto este tema precisa ganhar ênfase, tanto nas salas de aulas como nos espaços de saúde. Não é suficiente que esses livros integrem o catálogo do PNBE, mas é necessário que sejam oportunizados para a leitura e apropriação das crianças, contados pelos educadores/cuidadores e discutidos em sala de aula e/ou nos espaços de saúde.

TELLING STORIES ABOUT DEATH: AN ANALYSIS OF PNBE CHILDREN'S BOOKS

Abstract: Talking to children about death is still considered as a taboo by society. Hence, it is a relevant topic to be studied by regarding death as a natural process for human beings that should be approached in a serious and sensitive way. Children's literature seems to be a sensitive possibility to address this theme. Would there be works involving the theme of death in children's books of the National School Library Project (PNBE)? How do books recommended by PNBE for Child Education and Early Grades of Elementary School approach this theme? Among the books recommended by PNBE, we sought for those presenting death as a part of the life cycle. In that list, we found three books, which were analyzed by means of Textual and Discursive Analysis. The books show that the theme can and should be approached with children in a light and humorous way, as in *Once upon a time, there were three old ladies...*; sometimes, it can be presented by means of remarkable characters, as in *Star-Sister*; or even presenting a troubled period of history of humankind in a poetic and sensitive way, which, besides informing, may sensitize children and cause them to reflect on the topic, as in *Smoke*. It is important that children's literature is acknowledged by Health and Education professionals as a therapeutical element, thus enabling children to have fun, thrill and reflect on this relevant theme, which is so present in their own daily lives and in everyone else's life as well.

Keywords: Death; child; children's literature.

CONTANDO HISTORIAS SOBRE LA MUERTE: UN ANÁLISIS SOBRE LIBROS DEL PNBE PARA NIÑOS

Resumen: Conversar con los niños sobre la muerte todavía es entendido como un tabú por la sociedad. Por eso, se vuelve relevante estudiarlo, comprendiéndola como un proceso natural del ser humano que necesita ser abordado con seriedad y sensibilidad. La literatura infantil aparece como una posibilidad sensible para tratar el tema. ¿Habrá en los libros infantiles del Proyecto Nacional de Biblioteca en la Escuela, obras que envuelvan este tema? ¿Cómo los libros indicados por el PNBE para la Educación Infantil y los Primeros Años del Enseño Fundamental lo abordan? Buscamos, así, en las obras recomendadas por el PNBE, los libros que presentaran la muerte como parte del ciclo vital. En esta lista, fueron encontradas tres obras, que fueron analizadas por medio del Análisis Textual y Discursivo. Éstas retratan que el tema puede y debe ser trabajado con niños de forma suave y de buen humor, como en la historia *Había una vez tres viejitas...*; en otros momentos puede ser representado por medio de personajes marcantes, como en *Hermana-Estrella*; o también exponiendo de forma sensible y poética un período conturbado de la historia de la humanidad, el que, además de informar, puede llevar a los niños a la sensibilización y reflexión sobre el tema, como en el libro *Humo*. Se vuelve importante que la literatura infantil sea reconocida por los profesionales de la Salud y de la Educación como un elemento terapéutico, posibilitando que se diviertan, se emocionen y se reflejen sobre este tema tan pertinente y presente en la vida cotidiana de todos.

Palabras clave: Muerte; niños; literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F; HADDAD, M. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada.** 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CORAZZA, S. M. Labirintos de pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Orgs). **Novos olhares na pesquisa em educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã:** psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, M. V. **Novos olhares na pesquisa em educação.** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DOLTO, F.; BERLINER, C.; AGUIAR, M. V. M. de. **Quando os filhos precisam dos pais:** respostas a consultas de pais com dificuldades na educação dos filhos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FORTES, A. **Fumaça.** Trad. Marcos Bagno. Ilustr. Joanna Concejo. Curitiba: Positivo, 2011.

GUTFREIND, C. **Crônica dos afetos:** a psicanálise no cotidiano. Porto Alegre: Artmed, 2016.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte:** desafio na formação de profissionais de saúde e educação. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MABANCKOU, A. **Irmã-Estrela.** Trad. Ligia Cademartori Ilustr. Judith Gueyfier. São Paulo: FTD, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PNBE na Escola**: literatura fora da caixa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. E-book. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 02 de nov. 2016.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, jan/abr 2006.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2014.

POSTERNAK, L. **O direito à verdade**: cartas para uma criança. São Paulo: Primavera Editorial, 2013.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAMOS, A. C. **Era uma vez três velhinhas...** Ilustr. Alexandre Rampazo. São Paulo: Globo, 2012.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios pacientes. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

TORRES, W. da C. **A criança diante da morte**: desafios. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

Recebido em julho de 2017.

Aprovado em agosto de 2018.